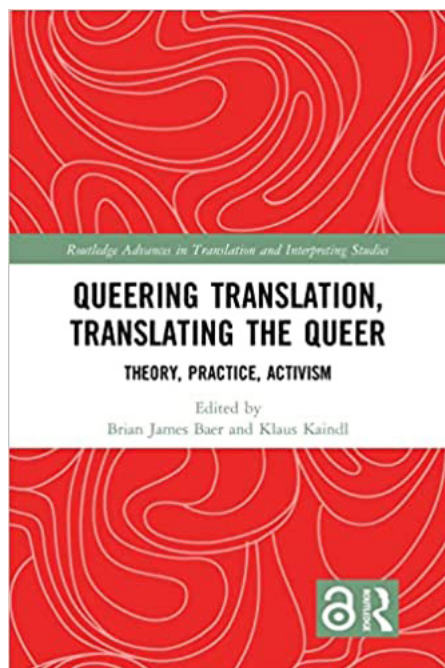


BAER, Brian James; Kaindl, Klaus (Ed.). *Queering translation, translating the queer: theory, practice, activism*. New York: Routledge, 2018, 242 p.

André Luís Leite Berndt¹



Queering translation, translation the queer: theory, practice, activism [Queerizando a tradução, traduzindo o queer: teoria, prática, ativismo] merece destaque por ser uma das poucas publicações que reúne, em um só tomo, ampla gama de perspectivas teóricas que abordam de forma contundente as diferentes intersecções entre Estudos da Tradução e Teoria *queer*, oferecendo ao leitor quatorze valiosos artigos dedicados a esse recorte. Lançado pela Routledge em 2018, o volume conta com uma introdução denominada “*(Queer)ing translation*” [(Queer)izando a tradução], escrita pelos editores Brian James Baer, professor no Departamento de Estudos de Línguas Modernas e Clássicas na Universidade Estadual de Kent, no Reino Unido, onde atua principalmente com a literatura e língua russa, e Klaus Kaindl, que é professor associado no Centro de Estudos da Tradução da Universidade de Viena, na Áustria.

Essa parte introdutória intenta fornecer uma espécie de panorama dos dois campos de estudo em questão, o que é bastante proveitoso por situar de antemão o leitor em

¹ Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC. E-mail: andreluisleite13@gmail.com.

seus respectivos e atuais estados de pesquisa. Compreende-se o *queer* como “um outro horizonte discursivo, um outro modo de pensar a sexualidade”, tal como postulara Teresa de Lauretis no início dos anos 90, o que, na visão dos autores, deveria engajar e motivar a tradução a atuar como um meio de desestabilizar modelos de representação e questionar as próprias vozes autorais e subjetividades que estes projetam. (p. 1).

De certa forma, quando lembramos do ensaio seminal de James S. Holmes, *O nome e a natureza dos Estudos da Tradução*, que veio à luz nos idos da década de 1970, percebemos que a disciplina dos Estudos da Tradução já propunha a se imaginar nas margens do pensamento acadêmico, carregando a veia *queer* desde o princípio. Também a tradução envolveria, em boa medida, um questionamento de toda e qualquer interação humana – incluindo a expressão de sexualidades, sejam elas explícitas ou não, e independente de fronteiras linguísticas ou culturais.

Embora seja reconhecida a relevância de pesquisadores como Keith Harvey e de outros estudiosos que atuam principalmente a partir da segunda década do século XXI, somos levados a constatar que ao longo das últimas duas décadas, há não apenas uma certa resistência em aprofundar as relações entre Estudos da Tradução e a teoria *queer*, como também frequentes confusões teóricas, conceituais, que delas se produzem. Vale ressaltar que a maioria das pesquisas realizadas até então não partiu de teóricos da tradução, como é o caso de *Sexology and translation* [Sexologia e tradução], publicada em 2015 e editada por Heike Bauer, a qual se propõe a investigar o papel da tradução na transnacionalização da ciência da sexologia, ou ainda, a edição especial do periódico *Transgender Studies Quarterly* intitulado *Translating transgender* [Traduzindo o transgênero], publicado em 2016 e organizado por David Gramling e Aniruddha Dutta, publicação que, por sua vez, busca demonstrar o papel da tradução na divulgação de textos sobre essa temática.

Bauer e Kaindl comentam a respeito dessas importantes contribuições com o intuito de diferenciá-las daquelas que serão apresentadas na sequência de sua introdução, destacando que reúnem, ali, autores renomados e atuantes no campo da tradução, tais como tradutores profissionais, professores, pesquisadores ou ativistas. Num primeiro momento, a fim de esclarecer o leitor, os editores aproveitam para traçar uma rápida história da evolução do termo *queer*, sem a pretensão de algo muito exaustivo, fazendo-se necessário diferenciá-lo das outras siglas que compõem o acrônimo LGBTQI, uma vez que o conceito de *queer* está muito mais relacionado a um valor que “rejeita a organização da sexualidade que tem por base a oposição binária entre homossexual/heterossexual”² (p.

² “one that rejects the organization of sexuality on the basis of the binary opposition of homosexual/heterosexual”. *Tradução minha*.

2), definindo-se por um engajamento político que rompe com o *status quo*, com a norma, com o poder, com aquilo que se coloca como universal, questionando paradigmas excludentes, lançando assim o *queer* como uma ferramenta crítica que, aliada ao campo da tradução, poderia servir para produzir práticas e teorizações ainda mais reflexivas, alternativas, que se proponham a ir de encontro com tudo o que se relaciona com práticas tradicionalmente estabelecidas.

Ao transformar *queer* em verbo/ação, os autores reforçam que as teorizações e práticas tradutórias devem sempre se orientar no sentido da não normatividade e das forças anti-hegemônicas, passando a questionar regimes dominantes, privilegiar contextos culturais minoritários e sujeitos marginalizados, pois é através das relações entre línguas e culturas, isto é, por meio do processo de tradução, que são moldadas as nossas percepções e representações, o que torna o *queer* ainda mais essencial.

Os editores aproveitam também para apresentar os três eixos de análises aludidos no subtítulo, a saber: 1) teorização *queer* da tradução; 2) estudo de caso de traduções e tradutores *queer*; e 3) ativismo *queer* e tradução –, justificando assim o modo de organização dos capítulos, todos escritos em língua inglesa, que longe de serem considerados como partes distintas, complementam-se e criam pontes entre si, unindo teoria, prática e ativismo. É desse modo que devem ser compreendidos os cinco capítulos na primeira seção – que tratam mais especificamente de questões teóricas envolvidas na tradução *queer*, propondo modos de se compreender a tradução para além de estruturas fixas como texto-fonte e texto-alvo, visando abordagens que não se limitem a contextos anglófonos, mas que as ampliem em prol de culturas minoritárias –, em diálogo com os cinco artigos da Seção 2, os quais buscam aliar teoria e prática, trazendo à tona estudos de caso dos mais diversos contextos linguísticos, e que também se relacionam com os quatro artigos apresentados na última seção, que consideram as práticas e teorizações *queer* na tradução como possíveis formas de ativismo que nos ajudam a projetar um (outro) futuro para a escritura *queer*. É desse modo, então, que teoria, prática e ativismo *queer* formam juntos um único campo de atuação dentro do qual está o foco principal da obra editada por Bauer e Kaindl: a tradução.

A José Santaemilia cabe a tarefa de abrir o primeiro capítulo da obra, assinado como *Sexuality and translation as intimate partners? Toward a queer turn in rewriting identities and desires* [Sexualidade e tradução como parceiros íntimos? Por uma virada *queer* na rescrita de identidades e desejos]. Neste artigo introdutório, o principal objetivo é demonstrar o quanto tradução e sexualidade estão intimamente conectadas e o quanto essas duas perspectivas podem, juntas, produzir em termos de pesquisas: como

as sexualidades *queer* são reescritas ou até que ponto pressupostos teóricos representados pela sexualidade podem contribuir para o campo dos Estudos da Tradução, isto é, de que forma podem ampliar sua visão analítica no que toca ao processo de formação de identidade, afastando-se de noções essencialistas e optando por conceitos fluidos capazes de compreender a multiplicidade de práticas e discursos que emanam da negociação de identidades entre contextos linguísticos/culturais?

A partir desses diálogos, somos levados a refletir ainda sobre o papel da tradução na mediação (construção da) sexualidade e a nos perguntar por que referências à sexualidade, masculina ou feminina, são tão mal compreendidas, sub ou superrepresentadas em uma variedade de línguas. Santaemilia nos faz pensar ainda em como a tradução contribuiria para confirmar ou desafiar a ambivalência sexual e de que forma nossa biologia ou identidade de gênero poderia nos levar a traduzir de forma diferente. O pesquisador também indaga sobre a importância da tradução nos processos de formação de identidade em culturas de minorias sexuais estrangeiras, abrindo espaço para considerar possíveis questões éticas envolvidas na tradução de cenas de cunho sexual, e como tais tópicos poderiam sofrer censura ou autocensura por parte dos atores envolvidos no processo tradutório.

Nos capítulos subsequentes, que formam a primeira seção da obra, Elena Basile analisa a (auto)tradução de um escritor trans, Nathanaël, e faz uma leitura minuciosa desse texto valendo-se de analogias entre sexo e a cena da tradução, ao passo que Brian James Baer considera a tradução como uma forma *queerizante* global, uma ferramenta capaz de quebrar a ilusão da prerrogativa universal das teorias ocidentais. Serena Bassi examina como o discurso ocidental sobre sexualidades subjetivas são moldadas, e Erven Savci, por sua vez, propõe métodos de pesquisa etnográficos para a tradução do *queer*. A sexualidade é examinada como parte de uma formação discursiva moderna, tal como raça, gênero e nacionalidade. A tradução passa então a ser compreendida como um espaço no qual identidades são negociadas, onde contextos culturais específicos se envolvem criticamente com o contexto global.

Na seção seguinte, James St. André parte da tradução de *The Pacha of many tales*, realizada pelo britânico Frederick Marryat, analisando-a como um texto *queer* no qual vários modos textuais coexistem (desde pseudotradução até imitação), um texto que, na visão do autor carregaria, por esse motivo, uma espécie de “identidade cruzada”. Na sequência, Leo Tak-Hung Chan investiga a representação do transgênerismo na tradução de uma novela chinesa para o mangá japonês, cujo personagem principal, um monge, é “queerizado” e graficamente representado como uma mulher, o que provocou grande controvérsia na China. Já Sergey Tyulenev explora a tradução como um lugar de expressão do desejo ho-

mossexual nos trabalhos do grão-duque Konstantin Konstantinovich Romanov, analisando combinações complexas de fala e silêncio em suas traduções. Clorinda Donato examina o caso em que uma tradução para o inglês tenta controlar e conter o *queer* do original italiano, a novela *Breve storia della vita die Catterina Vizzani*, de Giovanni Bianchi, em que ele apresenta a vida e a história de uma pessoa transgênero com um viés quase científico, no qual os marcadores de gênero são usados de forma flexível: ora o/a protagonista aparece como Catherina, ora como Giovanni, elementos que são suprimidos pelo tradutor, o que, na visão de Donato, constituiria uma forma de autocensura. Por fim, Zsófia Gombár discute um outro tipo de censura, a censura governamental na literatura *queer* traduzida em Portugal e na Hungria, durante os regimes de Salazar e János Kádár, respectivamente, onde falar sobre homossexualidade era considerado um grande tabu. Os artigos dessa seção, de modo geral, buscam demonstrar como ideologias em certas sociedades e períodos históricos podem ser um fator decisivo ao determinar a censura e regulamentação de traduções que tenham/abordem de alguma forma a expressão da homossexualidade.

As demais contribuições na terceira e última seção discutem o ativismo e as possibilidades de uma tradução *queer* na prática. Nesse sentido, ativismo é considerado como uma forma especial de aplicação prática, combinando *insights* teóricos da teoria *queer* com teoria da tradução pós-estruturalista, imaginando, assim, um futuro para a escrita *queer*. Marc Démont, por outro lado, fornece um exemplo de como esse futuro pode ser, distinguindo estratégias para lidar com o desejo *queer* em textos traduzidos. Uma tradução *queer*, na sua visão, seria aquela capaz de manter a força “perturbadora” nas representações *queer* do texto-fonte no texto-alvo, abrindo novas possibilidades interpretativas para o leitor. Eva Nossem busca trazer uma abordagem *queer* para a área de lexicografia, desafiando a noção popular de uma lexicografia objetiva, puramente descritiva, e discute as normas sociais e os valores que sustentam o trabalho lexicográfico. A pesquisadora demonstra como dicionários bilíngues perpetuam noções heteronormativas e advoga, assim, por uma abordagem antinormativa que lance bases para uma lexicografia *queer* capaz de estabelecer condições para uma tradução *queer* prática. No penúltimo artigo, Michela Baldo explora as possibilidades de conceitos como performatividade e afetividade na tradução e, finalmente, Mark Addison Smith também aponta para uma dimensão política na tradução *queer* ao descrever a tradução de um discurso feito por Larry Kramer, ativista da aids, para uma obra de arte visual, questionando as tradicionais noções de tradução estabelecidas por Jakobson (intra-lingual, inter-lingual e inter-semiótica), desafiando a tradução *queer* para examinar mais de perto o potencial de fontes semióticas não verbais, entendendo o processo artístico como parte de um ativismo *queer* na prática da tradução.

Queering translation, translation the queer: theory, practice, activism cumpre um papel importante ao demonstrar o quanto os Estudos da Tradução poderiam se beneficiar da aproximação com os Estudos de Gênero e os Estudos *Queer*, fomentando discussões em torno da recepção do texto traduzido em determinada cultura, de modo a considerar questões complexas que muitas vezes deixam de receber a devida atenção. A experiência homossexual, transexual, entre outras, nas suas mais variadas formas e expressões, auxiliam na construção de identidades, desejos e subjetividades com os quais leitores(as) poderiam se relacionar. A tradução, portanto, seria capaz não apenas de fortalecer tais laços, como também poderia atenuá-los ou silenciá-los, segundo os interesses de cada nação, cultura e época. Desse modo, vale recomendar a leitura desse que parece ser apenas o início de um diálogo fecundo entre tradução e sexualidade.